

VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 4 / nº 12 / 3º trimestre letivo de 2020



Yudi Yahiro,
aluno do Pré II A.

índice

↶ Esse símbolo indica item clicável.

Nesta edição, você encontrará:

[pág. 3] Fala, Vital • • Dicas [pág. 5]

• • Fundamental II [pág. 12]

[pág. 16] Médio • •



A segurança como legado

A diretora Suely N. Corradini avalia o que os meses de ensino remoto vão significar para o Vital.

Na sua opinião, qual será o legado da quarentena para o Vital Brazil?

As tecnologias digitais passaram a fazer parte do processo de ensino de forma natural, como mais um recurso para o professor. Não que não fossem antes; alguns dos nossos professores já as utilizavam, mas não todos. Com a pandemia, antecipamos algo que já era um desejo do Colégio: que todos se apropriassem desses recursos, não como fins em si mesmos, mas como meios para potencializar a aprendizagem do aluno.

Passada a pandemia, o ensino voltará a ser 100% presencial?

Creio que a Educação Básica, que atende a faixa etária dos 3 aos 17 anos, voltará a ser presencial – talvez com algumas atividades extracurriculares de forma remota. Diferentemente do Ensino Superior, a Educação Básica – que visa à formação integral do aluno, do ponto de vista cognitivo, afetivo, social e motor – precisa muito das interações, e a escola é o espaço para isso. Por outro lado, a dinâmica de disponibilizar roteiros de estudo para os alunos explorarem um novo conteúdo para ser debatido em sala promove uma participação mais efetiva de todos na aula presencial, com dúvidas mais pertinentes e, conseqüentemente, um melhor entendimento conceitual. Essa dinâmica de sala de aula invertida, penso que ela será mais presente.

Do ponto de vista dos alunos, o que fica de legado?

O uso das tecnologias digitais já fazia parte do dia a dia deles, mas agora eles passaram a usá-las também para fins acadêmicos. Para mim, essa é a grande novidade. Os jovens ficavam muito tempo nas redes sociais, mas será que conheciam todos os recursos do Word? Como elaborar uma planilha? Como pesquisar em fontes científicas seguras? Foram muitos os aprendizados de competências e postura no ambiente digital, inclusive o de participar de *lives*, honrar horários, respeitar a fala do outro. Além disso, houve um ganho de autonomia e responsabilidade. O aluno de 9, 10 anos, hoje, já é

mais autônomo em seus estudos do que um ano atrás. Por último, a pandemia trouxe um contexto novo para todo mundo, então todos estão experimentando, sem medo de errar. Esse é um momento superpropício para vencer medos.

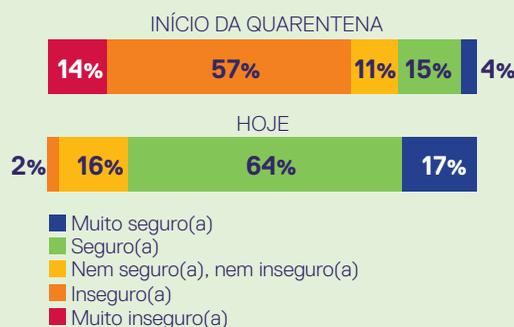
Como avalia a pesquisa de opinião com os professores do Vital sobre esse tema?

Fiquei muito feliz com os resultados, principalmente porque avançamos tanto em tão pouco tempo. Quando apareceu a ferramenta Zoom, alguns professores entravam em pânico por não saber como compartilhar a tela, por exemplo; hoje, eles mudam fundo de tela, criam *breakout rooms*, são eles que descobrem e nos apresentam novas possibilidades. As inseguranças iniciais da equipe se deviam ao medo de errar, porque não tiveram tempo de se apropriar do novo modelo – isso gera ansiedade em um profissional que tem como perfil ser organizado, planejado. Com o tempo, a pesquisa mostra, tudo isso se inverteu. No geral, eles já dominam os recursos e têm o desejo de ir além, compartilham as melhores práticas entre eles. Ainda estamos aprendendo, mas já saímos do patamar de amadores.

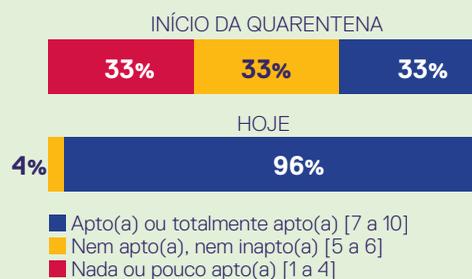
O QUE PENSAM NOSSOS PROFESSORES

Pesquisa realizada em setembro com todo o corpo docente do Vital sobre o legado da COVID-19 para a sua forma de ensinar e para a Educação de maneira geral.

Como se sentia/sente diante da mudança para um modelo de Educação mais mediada pela tecnologia?



Sobre suas aptidões pessoais para o ensino remoto, em uma escala de 1 a 10, como se sentia/sente?



Sua forma de lecionar vai mudar após o fim da COVID-19?



A Educação, de forma mais ampla, vai mudar após o fim da pandemia?



Como montar a rotina da casa nos tempos da COVID-19?

Por
Ricardo Frenkiel,
psicólogo e
consultor em
Psicologia
Escolar.



1 **DEFINAM HORÁRIOS PARA TODA A FAMÍLIA.** Onde *home office* e estudo remoto são frequentes, a rotina de uma pessoa influencia a das outras. Ainda que adultos disponham de flexibilidade, crianças, especialmente mais jovens, precisam de regularidade de horários (almoço, jantar, banho, etc.) para se sentir seguras.

2 **MONTEM AMBIENTES DE ESTUDO PARA AS CRIANÇAS E DE TRABALHO PARA OS ADULTOS.** Propiciem aos filhos um bom computador e espaço confortável, iluminado e silencioso, sem distratores como brinquedos ou TV. Mas os pais também precisam de local e horas de *home office*, e os filhos devem respeitar os “momentos de ausência de pais presentes”.



3 **NÃO SE PREOCUPEM EM DAR AULAS.** Pais educam, no sentido amplo, mas não são professores, que têm formação e *expertise* específicas para ensinar. Sejam facilitadores do contato filho–professor e, na dúvida, consultem a escola.



4 **PAPEL E CANETA AINDA SÃO NECESSÁRIOS.** Tudo que recebemos por meio de dispositivos que emitem luz, como a tela do computador, fica menos retido na memória do que o que se lê no papel. Escrever no caderno o que se aprende na videoaula ou na internet reforça a retenção do conteúdo.

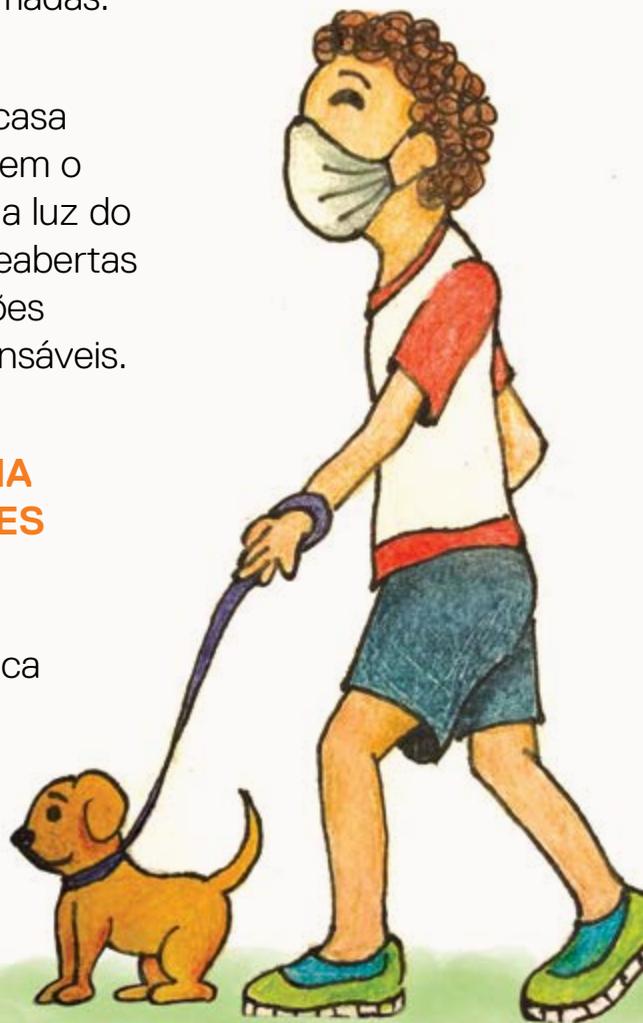
5 PRESERVEM AS HORAS LIVRES DO DIA. A escola e o escritório estão em casa, mas a vida não é só estudo e trabalho. Todos precisam de atividade física, lazer e ócio, de convívio familiar e conjugal e até mesmo de momentos solitários. A saúde mental de um tem impacto direto na saúde mental de toda a família.

6 NAS HORAS DE LAZER, PRIORIZEM ATIVIDADES LONGE DE TELAS (TV, celular, computador). Se o tempo de tela para estudo e trabalho é inevitável, nas horas livres, priorizem alternativas analógicas (esportes, livros, cozinha). Fundamental para o desenvolvimento neurológico das crianças mais jovens, mas vale para todas as idades.

7 BUSQUEM EXPERIÊNCIAS NOVAS. Mesmo dentro de casa, é possível manter uma rotina enriquecedora e evitar que os dias sejam repetitivos, fonte de ansiedade. Leiam livros, façam cursos *on-line*, aprendam receitas, adquiram novas habilidades. Para crianças pequenas, proponham brincadeiras diferentes daquelas com que estão acostumadas.

8 SAIAM AO AR LIVRE. Se sua casa tem quintal ou varanda, aproveitem o privilégio para usá-los e receber a luz do sol. Ou usem as áreas públicas reabertas da cidade, seguindo as orientações sanitárias das autoridades responsáveis.

9 LEMBREM-SE: CADA FAMÍLIA TEM DINÂMICA E CONDIÇÕES MATERIAIS PRÓPRIAS. Portanto, evitem julgar, nem baseiem sua rotina doméstica na de outras famílias. Só vocês podem decidir a melhor maneira de garantir a saúde física e mental de todos em casa.



Primeiras palavras

Com estratégias bem focadas e a parceria dos pais, mesmo a distância, os alunos do Vital aprendem a escrever.

Um dia, a professora Ângela Freitas resolveu soltar os bichos na casa de seus alunos do Pré II. Era uma das primeiras *lives* do semestre, e Ângela, que havia lido o *Abecedário de Bichos Brasileiros* para eles, propôs aos alunos que brincassem de veterinário, preparando seus lares para receber gatos, cachorros, periquitos e o que mais pudessem imaginar. Juntos, eles pensariam nos ambientes de um hospital veterinário, e cada um, por conta própria, escreveria plaquinhas para colar à sua volta: RECEPÇÃO, SALA DE EXAMES, CONSULTÓRIO.

Ângela não esperava que os alunos escrevessem tudo certo, é claro. Se, em vez de EXAME, um aluno colocasse no papel EZAE, ela não se preocuparia em corrigi-lo. Se outro escrevesse COUTOO na placa do CONSULTÓRIO, talvez ela o fizesse avançar, com uma pista: “CO- tem em ‘cocada’. Será que é igual a CONNN-sultório? Não parece com o som do meu nome? ÂNNN-gela”. O nome dela, escrito na janelinha do Zoom em letra bastão para todos verem, poderia ajudar.

Ajudaria também que, naquela *live*, a turma estaria reduzida – somente oito crianças, em vez da classe inteira –, para que a professora pudesse ver os registros de cada aluno e intervir de acordo com o que eles apresentassem. O mais importante era todos estarem engajados no faz de conta.

A brincadeira do veterinário, que Ângela conduziu com a turma do Pré II dividida em pequenos grupos, ilustra algumas estratégias que o Vital Brazil tem usado para con-



tornar as limitações do ensino remoto e dar continuidade ao processo de alfabetização dos alunos. Estratégias que, segundo a coordenadora da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental, Cybele Roncato, têm dado certo: “A parcela de alunos do 1º ano do Fundamental que, hoje, já atingiu os níveis esperados de aprendizagem da escrita alfabética é a mesma da turma do ano passado”, diz Cybele. Segundo ela, mesmo a distância, os alunos do Vital estão aprendendo a escrever.

Brincar de escrever

Desde a década de 1970, a partir dos estudos da psicolinguista argentina Emilia Ferreiro, um dos conceitos centrais para explicar o processo de alfabetização tem sido o das “hipóteses de escrita”.

Em linhas gerais, o conceito propõe que toda criança, ao ser apresentada à palavra escrita, parte de hipóteses que ela própria formula para entender como os símbolos no papel representam as coisas do mundo. Ao longo dos anos, a criança testa e refina suas hipóteses, desde a fase em que acredita que qualquer garatuja significa algo até o momento em que percebe que as palavras são compostas de partes sonoras e que o alfabeto é um sistema de símbolos representativos desses sons.

Para educadores, uma das consequências mais importantes dessa teoria foi a noção de que, embora as etapas do processo sejam semelhantes para todo mundo

(*v. quadro*), não há um prazo rígido para atingi-las. Cada criança aprende no seu ritmo, tanto mais rápido quanto mais possa experimentar escrever, da forma que lhe parecer correta – até que, pela mediação do professor, pela interação com os pares e pelos estímulos recebidos da família, ela descubra como avançar. Na prática, isso significa *não corrigir* todo erro do aluno,



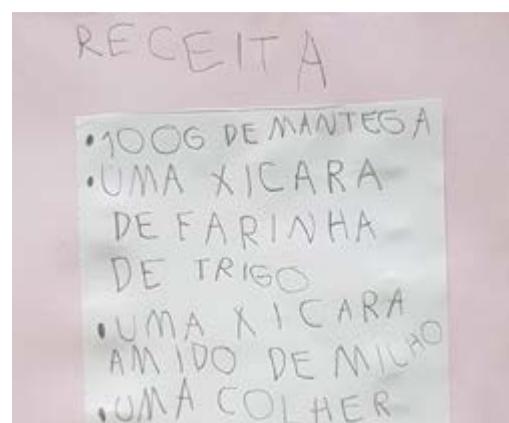
Em grupos menores, é possível realizar propostas mais produtivas, em que todos possam mostrar seus registros à professora.

mas deixá-lo se arriscar até que se sinta seguro, para desestabilizar essa segurança no momento certo. Sobretudo, significa tornar o processo prazeroso.

Daí o valor dos jogos simbólicos: por que partir de sílabas soltas para montar frases pouco significativas para os alunos – O BEBÊ BABOU NA BOLA, por exemplo – quando se pode brincar de veterinário (e de supermercado, de escritório, etc.)? “Nosso trabalho é motivar os alunos a escrever, escrever, escrever, e ter um olhar individualizado para saber como e quando agir, caso a caso”, diz a professora Ângela. A questão é: como fazer isso remotamente? É aí que entram as *lives* com pequenos grupos, que passaram a acontecer no segundo semestre.

Segundo Cybele Roncato, com a turma dividida, é possível realizar propostas mais produtivas, em que todos tenham chance de participar e mostrar seus registros à professora, que assim intervém diretamente na evolução de cada aluno. É possível, também, propor tarefas de maior ou menor complexidade de acordo com os grupos, formados por crianças em níveis similares de alfabetização. “Podemos passar uma ‘cruzadinha’ já preenchida com vogais para um grupo, e outra, sem nenhuma casa preenchida, para outro”, diz Cybele.

Outra vantagem de grupos menores, lembra Elaine Reis, professora do 1º ano, é otimizar a interação entre crianças que, frequentemente, aprendem umas com as outras. “Se um aluno escreve ACACO, o colega pode ver e comentar: ‘Falta o M!’”, diz Elaine.



“Nosso trabalho é motivar os alunos a escrever, e ter um olhar individualizado para saber como e quando agir.”

Profa. Ângela Freitas, Pré II

O tempo da criança

Se ver uma criança um pouco “à frente” da outra é natural para a professora, contudo, pais e mães não costumam ter a mesma tranquilidade quando se trata dos próprios filhos. Uma questão com a qual a equipe do Vital procura lidar com sensibilidade e informação.

Foi o que aconteceu com Gabriela Frias, mãe de Carlos Eduardo Padredi, do 1º ano A. Mesmo não sendo leiga no assunto – ela é psicopedagoga e fonoaudióloga –, Gabriela admite ter sentido medo no ano passado, quando Cadu ainda era pré-silábico, e grande parte dos colegas estava à sua frente. O fato de ser o mais jovem da turma e estar vivendo grandes mudanças – nova escola, nova casa e nova irmãzinha – talvez explicasse, mas não tranquilizava a sua mãe. “Eu me aproximei bastante do Colégio, e eles me acolheram”, diz Gabriela. “Um grande exercício da maternidade é acalmar a própria expectativa e respeitar o tempo da criança, e o Vital passa muito isso”.

Orientados pelo Colégio, os pais de Cadu viram o filho progredir na escrita – além de se tornar mais atento, focado e responsável, diz Gabriela –, buscando contribuir para a evolução do menino da forma certa. “Em vez de corrigir ou soletrar, nós fazemos perguntas: ‘Cadu, você acha que essa palavra se escreve desse jeito ou do outro?’”

Aluno do Pré II, Yudi Yahiro está onde Cadu estava no ano passado, e sua mãe, Adriana, também conta com a orientação do Vital para entender o processo de alfabetização do filho. Se, na brincadeira do veterinário da professora Ângela, Yudi ainda misturava letras e símbolos aleatoriamente, poucos meses depois, ele já se mostra silábico, identificando as vogais certas das palavras. “Acho muito legal que o Vital faz os alunos ela-



“Acho muito legal que o Vital faz os alunos elaborarem o raciocínio antes de escrever.”

Adriana Taminato, mãe do Yudi (Pré II)

borarem o raciocínio antes de escrever”, diz Adriana, que costuma colar as atividades do filho nas paredes de casa – um ato de orgulho materno que ainda ajuda a reforçar o aprendizado.

“Até o início do 2º ano do Fundamental, quando a alfabetização se consolida, as turmas são mais heterogêneas mesmo”, diz Cybele Roncato. “Até lá, em vez de comparar as crianças, o mais importante é acompanhar a evolução de cada uma, no seu próprio tempo”.

DESCOBRINDO COMO A ESCRITA FUNCIONA

No processo de alfabetização, toda criança percorre diferentes hipóteses de escrita – as formas com ela **acha** que o sistema alfabético funciona. Deixá-la escrever livremente serve para definir em qual estágio de compreensão ela se encontra e como podemos ajudá-la a avançar.

- ♦ **Hipóteses pré-silábicas:** a criança entende que palavras escritas representam as coisas do mundo, mas produz uma “imitação de escrita”, misturando letras, símbolos e garatujas. Mais adiante, já conhece melhor o alfabeto, mas ainda não percebe que a escrita remete ao som das palavras, e não ao seu significado. Usa letras aleatórias, e, para ela, as palavras se definem pelas características daquilo que designam. P. ex.: coisas grandes (boi, urso) seriam escritas com mais letras do que coisas pequenas (formiga, borboleta).
- ♦ **Hipóteses silábicas:** a criança já percebe que as palavras são feitas de partes sonoras e que a escrita está relacionada aos sons da fala. A princípio, registra cada sílaba com uma letra qualquer, sem correspondência sonora. Mais adiante, passa a usar letras correspondentes, mas ainda tende a usar uma letra por sílaba (geralmente vogais). P. ex.: AAO (MACACO).
- ♦ **Hipóteses silábico-alfabéticas:** a criança já distingue os pequenos sons no interior das sílabas. É uma fase de transição, em que ainda registra certas sílabas com uma letra apenas. P. ex.: ZBRA (ZEBRA), KVALO (CAVALO).
- ♦ **Hipóteses alfabéticas:** a criança já registra quase todos os sons das palavras, mesmo que cometa erros de ortografia. P. ex.: CAXORO (CACHORRO), CIRI (SIRI). É só quando a alfabetização está consolidada que começa o aprendizado das regularidades ortográficas.

Ensinar fora da caixa

Em uma longa quarentena, professores descobrem novos meios de manter alunos estimulados no ensino remoto.

O que o personagem de videogame Super Mário tem a ver com a Guerra de Troia? Se nada lhe ocorre, talvez você não tenha escutado o 21º episódio do *podcast* “Quarentena com História”, no qual os professores de História André Sekkel e Heitor Loureiro misturam Mário, Troia, costumes indígenas e representações medievais da Morte, numa reflexão sobre o papel da brincadeira na preparação da criança para a vida adulta. Parece um papo muito “fora da caixa”? Essa é a ideia.



Criado em abril, o *podcast* de André e Heitor é só um exemplo do que Roberto Leal, coordenador do Fundamental II, avalia como um esforço de toda a equipe docente para motivar os alunos para o estudo, no contexto do ensino remoto. Segundo Roberto, vencido o desafio dos primeiros meses

– dar sequência ao projeto pedagógico pelos meios digitais –, os professores sentiram que precisariam de uma dose extra de criatividade para continuar seu trabalho.

“A princípio, quisemos garantir o mínimo, que era seguir o currículo planejado”, diz o coordenador. “Em poucas semanas, montamos um sistema em que o professor passava conteúdo, os alunos davam *feedback* e as famílias tinham a rotina doméstica organizada”. Mas era inevitável que novos desafios surgissem: restritos a suas casas, os alunos nem sempre teriam os materiais ou ambiente adequado para as atividades práticas – e, mesmo que tivessem, a distância dos colegas havia de cobrar um preço. “A quarentena foi se estendendo muito; passada a novidade inicial, alguns alunos começaram a cansar, perderam a vontade de assistir às *lives* e de fazer as tarefas”, diz Roberto.

Era preciso buscar alternativas, e foi o que a equipe fez. Desde recorrer a objetos de uso cotidiano a inven-



“Foi bem legal, os alunos abriram as câmeras e fizemos juntos, cada um mostrando sua camiseta, máscara, boné.”

Maristela Pinheiro,
profa. de Arte

tar novas formas de contar a História e propor competições a distância, esta matéria traz exemplos de como os professores do Vital têm mantido os alunos engajados na vida escolar.

Falta material, sobra criatividade

Em janeiro, o Vital Brazil inaugurava a Fazedoria, inspirada nos princípios da cultura Maker, para os alunos aprenderem na prática, com a “mão na massa”, conteúdos teóricos diversos. Dois meses depois, o Colégio estava fechado.

Talvez poucos tenham sentido tanto o impacto da promessa adiada quanto Pedro Paulo Siqueira, o Pepa. Professor de Matemática do 6º e 8º anos, Pepa tinha – ainda tem – muitos planos para a Fazedoria, onde daria concretude aos conceitos geométricos ensinados. Entretanto, se antes ele poderia fabricar prismas de madeira ou imprimir pirâmides de plástico nas impressoras 3-D, na quarentena ele contou com a criatividade dos alunos do 6º ano para montar sólidos geométricos com o que tinham em casa: “Fiz os meus com palitos e cola, mas eles podiam usar brinquedos, dominós, pregadores de roupa”, diz o professor. O essencial era que entendessem os conceitos, e nisso Pepa foi bem-sucedido.

A professora de Arte Maristela Pinheiro relata experiências semelhantes. Se, no Colégio, os alunos de Maristela teriam os materiais artísticos do Estúdio de Artes à disposição, em casa, a história era outra. Mas nada que a impedisse de, por exemplo, promover uma atividade com alunos do 6º e 7º anos, ensinando-lhes a técnica de tingir roupas conhecida como *tie-dye*. “Foi bem legal, os alunos abriram as câmeras e fizemos juntos, cada um mostrando sua camiseta, máscara, boné”, diz a professora. Mas e quem não tinha tinta em casa? Maristela tinha a solução: em vez de pintar tecidos claros, eles poderiam descolorir tecidos escuros com a boa e velha água sanitária.

“Nós precisamos de criatividade, sim, mas o aluno também tem de ser mais criativo e autônomo, para

pensar em alternativas sem esperar o OK da professora, e esse é um ganho bem interessante”, diz Maristela. “Se não tem folha sulfite, usa outra superfície riscável. Se eu passo um trabalho com folhas secas, inspirado na Arte Marajoara, mas não tem árvores em casa, que outros padrões da natureza podem servir? O importante é que o aluno perceba a reflexão proposta”.

Fazer junto é mais estimulante

A falta de materiais não foi o único fator de desestímulo da quarentena. Como nota Maristela, o isolamento também fez diferença: “No Colégio, o aluno vê o trabalho do colega, que o inspira a fazer algo parecido ou diferente, é estimulante. Fazer arte também é querer se apresentar”, diz a professora. “Por isso foi tão importante abrir as câmeras nas *lives* a partir do segundo semestre”.

É o mesmo sentimento da equipe de Educação Física. “O primeiro semestre foi quase todo teórico, com roteiros de estudo e *quizzes*”, diz Larissa Wosniak. Segundo ela, o conteúdo eram vídeos e leituras, sobre temas como a história de modalidades esportivas ou os males do sedentarismo. As poucas propostas práticas eram assíncronas, o que não ajudava a motivar os alunos. “Ninguém tem muita vontade de se exercitar sozinho. A gente até sugeria aos pais que acompanhassem os filhos”.

“Mas tinham de ser exercícios legais, lúdicos, e a escola nos deu liberdade para criar atividades diversificadas”, diz Larissa, que, entre outros, gravou vídeos ensinando movimentos inspirados no *yoga* ou séries de exercícios intercalados de alta e baixa intensidade. “No YouTube há vários vídeos com músicas que seguem esse ritmo do treino”.

Com as câmeras abertas e ao vivo desde agosto, o interesse dos alunos pelas *lives* semanais de Educação Física, batizadas de Quarentreino, cresceu. “Prendemos fidelizar o maior número de alunos nos treinos de quarta à noite”, diz o professor Fábio Oliani, outro que suou para não deixar ninguém parado. Nem todo mundo tinha peso em casa? Fábio criava trei-



“[No ensino remoto] precisamos de criatividade, sim, mas o aluno também tem de ser mais criativo e autônomo, e esse é um ganho bem interessante.”

Maristela Pinheiro,
profa. de Arte



nos funcionais, “que usam apenas o peso do próprio corpo” (prancha, flexão, etc.). Precisavam de bola? “Bola de meia serve”. Com criatividade e tecnologia – como aplicativos que medem a distância percorrida por meio do GPS do celular –, até torneios como a Copa Vital e os Jogos Estudantis foram possíveis.

Novas fontes de conhecimento

E a quarentena não trouxe desafios apenas para disciplinas mais práticas. Professor de História do 8º e 9º anos, Heitor Loureiro sabia que o engajamento dos alunos dependia de achar a medida certa de vídeos, leituras e tarefas que eles conseguiriam absorver. “No ensino remoto, encher o aluno de material é um caminho a ser evitado”, diz Heitor. Ele nota que uma videoaula de 20 minutos pode concentrar mais conteúdo do que uma aula ao vivo de 45, e prefere dedicar suas *lives* à exploração de conceitos vistos antes pelos alunos. Mas como garantir que eles acompanhem os conteúdos?

Veio daí a ideia de criar, em parceria com o professor André Sekkel, do 6º e 7º anos, o *podcast* no qual abordam temas do currículo de ambos, mas com liberdade para relacioná-los a assuntos tão diversos quanto a importância dos jogos, a cachorrinha cosmonauta Laika, a origem do conceito de férias ou o frango com quiabo.

“Uma das coisas mais ricas do projeto é essa abordagem temática, não cronológica, da História”, diz André. “Podemos falar de vacinas voltando até a Idade Média, ou convidar a professora de Química para explicar como funcionam as pilhas. O projeto exprime a interdisciplinaridade da História”. E, o que é melhor, tudo em linguagem bastante coloquial. “O *podcast* é para alunos do Fundamental II, mas também tem agradado a alunos mais velhos e pais”, diz Heitor.

“Na verdade, o projeto deles não ensina apenas História. Ensina aos alunos uma nova fonte de pesquisa que talvez eles não usassem: os *podcasts*”, diz o coordenador Roberto Leal. “Eles estão ampliando as possibilidades de conhecimento dos nossos alunos”.

Com criatividade e tecnologia, até torneios como a Copa Vital e os Jogos Estudantis foram possíveis a distância.

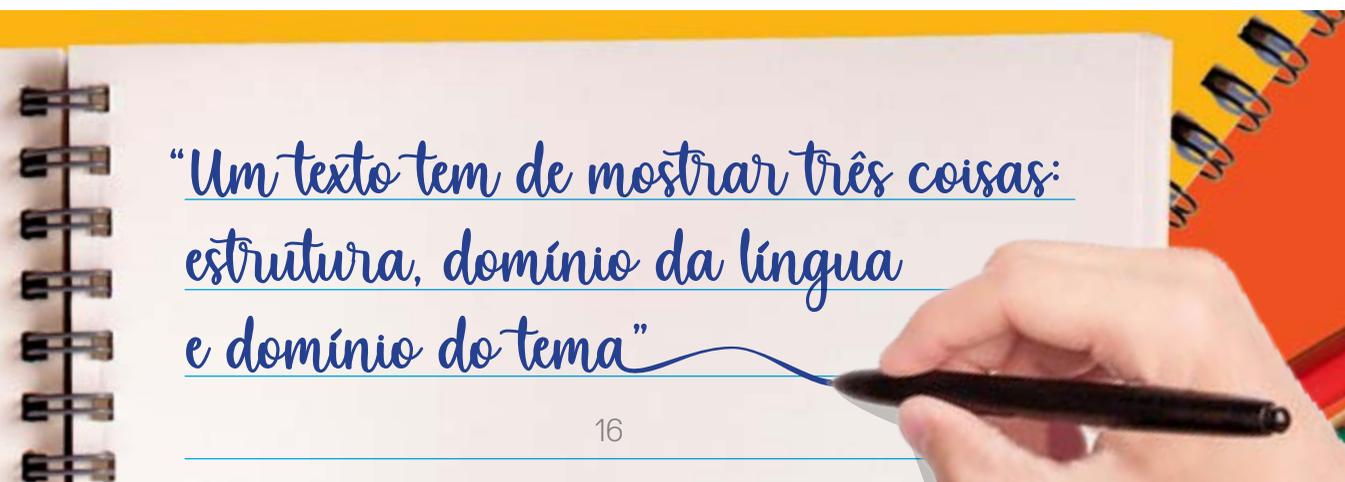
Qualidade na ponta do lápis

Com resultados como o 1º lugar na Redação do Enem, o Vital prova que escrever bem não é para poucos.

É com orgulho que Tiago Gomes relembra os últimos seis anos, desde que entrou no Vital Brazil. Assessor de Língua Portuguesa e professor de Produção de Texto do Ensino Médio, Tiago chegou ao Vital em 2015 com a missão de elevar a qualidade das redações dos alunos, especialmente na preparação para vestibulares e Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). E, a julgar pelos resultados, a missão está sendo cumprida com louvor.

Se, em 2014, a primeira turma de concluintes do Colégio obteve média de 722,89 na redação do Enem, com 480 sendo a nota mais baixa, no ano passado, a média já havia subido para 971,04, com 720 sendo a nota mais baixa da turma. O resultado, que pôs o Vital no 1º lugar do Estado e entre as 20 melhores médias do País, deu a certeza a Tiago: “Conseguimos fazer com que os bons ficassem muito bons, que os médios ficassem bons e que ninguém mais escrevesse mal”, diz ele.

O uso da primeira pessoa do plural (“consequimos”) não é modéstia. Embora seja o único professor de Redação do Ensino Médio, Tiago sabe que a conquista é mérito de todo o corpo docente. E, quando diz isso, ele se refere a todos mesmo, não apenas aos professores de Produção de Texto que lhe antecedem, no Fundamental II, ou a seus colegas do Médio ligados à Língua Portuguesa – o professor de Conhecimentos Linguísticos, Edson Silva, e o de Literatura, Carlos Daniel Vieira. “Os resultados são tão bons porque todo mundo, *de todas as áreas*, é comprometido com o mesmo ideal de excelência”, diz Tiago.



*“Um texto tem de mostrar três coisas:
estrutura, domínio da língua
e domínio do tema”*

Segundo ele, os alunos do Vital escrevem bem porque têm uma equipe inteira de professores a lhes servir de influência positiva, contribuindo com o repertório, o senso crítico e até com o exemplo.

A construção do repertório

Aluna da 3ª série do Médio, Helena Batistic resume assim o que entende ser o projeto de Produção de Texto do Vital Brazil: “São três frentes: Gramática, Literatura e Redação. Gramática ensina a escrever certinho; Literatura, a escrever bonito; e Redação concilia os dois lados”.

Ainda que um tanto simplificada, a definição da aluna não está longe de como o próprio Tiago vê a questão: “Um texto tem de mostrar três coisas: estrutura, domínio da língua e domínio do tema”, diz o professor. Nesse sentido, somente uma parte do que ele espera das redações dos alunos é o respeito às regras do idioma (“escrever certinho”, diria Helena). Outra parte, tão importante quanto, é que eles tenham o que dizer (repertório) e saibam como dizê-lo (construção do argumento).

“Eu motivo os alunos a buscar informações relevantes sobre o tema e até além do tema”, diz Tiago. Nas suas aulas, nenhum texto é iniciado sem uma reflexão, quando a classe discute o que cada um sabe e pensa a respeito do assunto proposto. “Ele faz questão de articular conosco [as ideias apresentadas], anota os pontos mais importantes, mostra como podemos direcionar as informações”, diz Luiza Peruzzi, colega de Helena Batistic na 3ª série C.

Para enriquecer as discussões, o professor indica livros que abordam conceitos centrais de debates da atualidade – como as obras *Política para Não Ser Idiota* e *Ética e Vergonha na Cara*, do filósofo Mario Sergio Cortella, com



“Você não precisa ser um Machado de Assis, mas pôr suas ideias no papel é essencial em qualquer área. Se você é engenheiro, físico ou qualquer coisa que seja, você precisa escrever de um jeito que todo mundo entenda.”

Helena Batistic, 3ª série C

coautoria de Renato Janine Ribeiro e Clóvis de Barros Filho, respectivamente –, além de trabalhar documentos históricos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos ou a Constituição Federal. “Só depois desse estofo é que o aluno pode começar a pensar no que escrever”, diz o professor.

“O Vital me ensinou a importância de realmente entender o tema sobre o qual eu deva escrever”, lembra a ex-aluna Thaisa Gonzalez, que obteve nota 1.000 na redação do Enem 2015, ainda como treineira (hoje, ela faz o curso de Publicidade e Propaganda na USP). “Tiago nos trazia referências, filmes, livros [sobre] o que estava acontecendo no mundo, não ficava só nos macetes de redação”.

Concluente em 2019, Gabriel Cruz (980 na redação do Enem) também se lembra dos conselhos do ex-professor. “Ele sempre falava que é importante construir um repertório sociocultural produtivo, composto de tudo aquilo a que você assiste, desde documentários a séries. Tudo isso é válido para a sua capacidade de argumentar”, diz o jovem, aluno de Direito na USP.

Mas é claro que as aulas de Redação não seriam a única fonte de repertório dos alunos do Vital. E é aí que os outros professores têm muito a contribuir.

Um colégio de leitores

“Uma coisa que ajuda muito [na construção do repertório dos alunos] é o reforço positivo que uma disciplina dá a outra”, diz o professor de Química Paulo Guilherme Campos. “Por exemplo: eu trabalho a problemática do saneamento básico pelo viés químico; já a Michele [Rodrigues, professora de Geografia e Sociologia] vai trabalhar pelo viés sociológico e econômico. E nós conversamos para que as duas propostas se alinhem”.

Além disso, com frequência “os conteúdos de Ciências se desdobram em discussões sobre as

3 lembretes
do professor
Tiago na hora
de escrever
uma redação

#coisanão: “Na minha aula, os alunos já sabem da regra: ‘hashtag-coisa-não’. Quem escreve ‘coisa’ no texto não mostra cuidado com o vocabulário; melhor usar uma palavra mais precisa”.

Varie as conjunções: “Só de adversativas, você tem ‘mas’, ‘porém’, ‘contudo’, ‘todavia’, ‘entretanto’, ‘no entanto’... A repetição pode servir a um estilo, mas, para propósitos práticos, na redação é melhor mostrar variedade linguística”.

Citações abrem textos, não fecham: “Se você conclui o texto com uma citação e ponto final, para mostrar repertório, é apenas o pensamento de outra pessoa que está lá. Se você abre o texto com uma citação e desenvolve a partir dela, você se apropria da ideia e a torna sua”.

implicações sociais da Ciência”, diz o professor de Biologia João Batista Petucco, citando, como exemplos, aulas que ele já deu sobre dilemas bioéticos da engenharia genética, ou as que o seu colega de Física, Marcelo Barão, deu sobre a bomba atômica. “Vale lembrar que o tema da última redação da Fuvest foi o papel da Ciência no mundo contemporâneo”.

Petucco nota, ainda, que a Ciência “é marcada pelo senso crítico, pela busca de conclusões a partir de evidências e pelo raciocínio lógico. Isso transparece na qualidade da argumentação do aluno”.

Mas não é só com conhecimento científico que os professores contribuem para a formação cultural dos alunos. Como nota Marcelo Barão, outro fator significativo é que todos os professores do Vital são leitores, cultivam o hábito de ler – e de trocar indicações com os alunos. Giulia Cordeiro, também da 3ª C, confirma: “Estou num grupo de WhatsApp em que a [professora] Michele fez uma lista com dicas de livros e filmes de todos os professores. São bem interessantes, desde as dicas do Zé [Carlos Demarchi], de Filosofia, até as da Ana [Luiza Ozores], de Matemática”.

De fato, o aluno do Vital é um leitor acima da média, como nota Tiago: “Ao longo do Ensino Médio, são 9 livros só nas aulas de Redação, fora os 18 títulos trabalhados em Literatura”. E isso só para ficar nas leituras curriculares. Afinal, se, como diz Tiago, “o melhor professor de Literatura é aquele que faz o aluno querer ler”, o aluno do Vital tem uma equipe inteira de professores que o incentivam a ler mais e, como consequência, a escrever melhor.

Para gostar de ler

Coordenadores e assessores do Ensino Médio compartilham suas dicas de livros imperdíveis.

André Rebelo
(Coordenador)



A Civilização do Espetáculo, de Mario Vargas Llosa

Marcelo Barão
(Física)



Eu, Robô, de Isaac Asimov

Paulo Guilherme Campos
(Química)



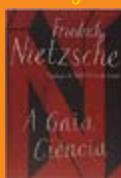
Corações Sujos, de Fernando Morais

Tiago Gomes
(Língua Portuguesa)



A Morte e o Meteoro, de Joca Reiners Terron

João Batista Petucco
(Biologia)



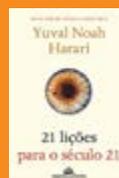
A Gaia Ciência, de Friedrich Nietzsche

Michele Rodrigues
(Ciências Humanas)



Imagens de Controle: Um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins, de Winnie Bueno

Solange Frasca
(Coord. adjunta)



21 Lições para o Século 21, de Yuval Noah Harari

Vanderlei Cardoso
(Matemática)



Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa

Ao infinito e além

Presente em tudo na vida, o foco da Matemática está em entender a realidade e resolver problemas.



Ela está à sua volta, a todo instante, em todo lugar. Está na cidade que você vê da janela, dentro da sua casa e no noticiário da TV. Está no mercado, quando você faz compras, e na cozinha, quando prepara o jantar. Desde a hora em que você acorda até a combinação de roupas que escolhe vestir, em tudo ela está presente: a Matemática.

“Não tem nada que você possa pensar que não envolva Matemática”, garante Vanderlei Cardoso, assessor de Matemática do Colégio Vital Brazil e professor do Ensino Médio. Se parece exagero, vale esclarecer que Vanderlei não se refere ao conhecimento especializado da disciplina, o conjunto de conceitos e operações que até hoje, por uma visão pedagógica atrasada, ainda há quem imagine que só faz diferença para quem gosta ou tem “habilidade com os números”.

Ele se refere ao que justifica esse conhecimento, a necessidade de entender a realidade e resolver problemas – competências de que todo mundo precisa, sabendo ou não o que querem dizer álgebra, cálculo ou análise combinatória. Como diz a também professora do Médio Ana Luiza Ozores, “não gosto de fazer conta, para isso existe calculadora; eu gosto é de saber como resolver um problema”.

O modo como Vanderlei e Ana Luiza falam da Matemática se alinha à concepção que o Vital Brazil tem da disciplina. No Vital, mais importante que saber de cor as fórmulas e termos matemáticos é entender o que eles lhe permitem fazer – como contar, medir, comparar, prever e deduzir informações, para agir no mundo com mais segurança. Um entendimento que começa na Educação Infantil, etapa cujo principal objetivo é mostrar à criança suas novas ferramentas.

Conhecendo as ferramentas

Assim como a aquisição da escrita se inicia com o aluno conhecendo as letras e descobrindo que elas servem para formar palavras (*v. matéria na pág. 7*), a alfabetização matemática precisa, primeiro, que a criança seja apresentada aos componentes básicos do seu sistema (os algarismos e as figuras geométricas) e perceba seu uso social.

Para isso, a melhor estratégia é deixá-la fazer aquilo de que mais gosta: brincar.

“O trabalho começa pelo exercício da rítmica, por meio de cantigas e parlendas”, diz a professora do Maternal Carina Costa, referindo-se aos versos rimados que dão ritmo às brincadeiras infantis, como “um, dois, feijão com arroz, três, quatro, feijão no prato”.

Nesse início do processo, o propósito ainda é mais familiarizar o aluno com a sequência de números do que ensiná-lo a quantificar, embora isso não demore a ocorrer. “No geral, espero que meu aluno saiba contar [relacionar números a quantidades] até 3 e recitar até 10”, diz a professora. Não se trata, porém, de metas estritas. “É uma construção contínua, não dá para dizer que o Maternal vai até aqui, o Pré I até ali... O ritmo depende muito da criança”.

Nessa fase, se a sala de aula presencial ajuda a habituar o aluno aos algarismos – por meio do calendário, da rotina na lousa e dos vários recursos didáticos numerados –, o ambiente doméstico, no ensino remoto, pode fazer o



mesmo. “Em casa, a criança tem os canais da TV, o relógio do micro-ondas, o painel do elevador”, diz Carina.

O mesmo vale para as figuras geométricas, nota a professora Ângela Freitas, do Pré II. “Tudo que envolve o contexto da casa nos dá caminhos pedagógicos muito ricos”, diz ela, citando gincanas em que os alunos têm de procurar objetos circulares, quadrados ou triangulares da casa.

Segundo Ângela, a Educação Infantil é muito marcada por jogos simbólicos, brincadeiras de faz de conta que evidenciam para a criança o uso social do que ela está aprendendo. É brincando de mercado ou de culinária, por exemplo, que ela aprende que os símbolos matemáticos expressam certas categorias de coisas, como preços, quantidades e medidas (“vamos usar 1 xícara de leite e 3 ovos”). No ensino remoto, ainda há a vantagem de que a brincadeira pode ser de verdade, já que ela pode mesmo ir com os pais ao mercado e ajudá-los na cozinha.

Foco no problema

Uma vez apresentado o universo da Matemática, o passo seguinte é fazer o aluno ver que os elementos desse universo têm propriedades. É hora de consolidar o conceito de número.

Segundo a professora do 4º ano e assessora de Matemática do Fundamental I, Flávia Cury, “até o 1º ano, os conceitos de número e algarismo ainda estão misturados”. A criança que já sabe que o algarismo 2 indica um par pode ainda não saber que 22 não são dois pares, mas duas dezenas e duas unidades. Isto é: que o valor do algarismo depende da posição (propriedade do valor posicional).



É nessa fase que as professoras recorrem a materiais didáticos que dão concretude ao sistema decimal-posicional, como o ábaco ou brinquedos que usam cores para marcar equivalências (“1 peça azul vale 10 verdes”). É no Fundamental I, também, que o aluno aprende as operações aritméticas básicas: adição, subtração, multiplicação e divisão.

Aqui, engana-se quem pensa que as professoras se limitam a ensinar os algoritmos, aquelas instruções para fazer contas, como “escreva um número sobre outro, multiplique a unidade, pule uma casa...” Segundo a professora do 4º ano Angélica Tironi, “o algoritmo é só um recurso para o que deve ser o foco do trabalho: a resolução de problemas”. A ideia, diz ela, é propor situações-problema e deixar que os alunos tentem resolver – desenhando, contando nos dedos, calculando de cabeça, como for – e comparem estratégias entre si, *antes de lhes apresentar os algoritmos*.

Mais do que decorar fórmulas, a estratégia busca incutir no aluno uma postura confiante e proativa, até mesmo o gosto pelo desafio, o que será ainda mais útil quando aumentar a complexidade do conteúdo.

Abstrato, mas não difícil

“Para receber o aluno no 6º ano, eu preciso que ele compreenda o universo dos números naturais – 0, 1, 2, 3 até o infinito –, saiba aritmética, o básico de frações e dos conceitos de geometria plana”, diz o professor Pedro Paulo Siqueira. A partir dessa base, diz ele, as aulas de Matemática passam a exigir uma capacidade de abstração crescente ao longo do Fundamental II.

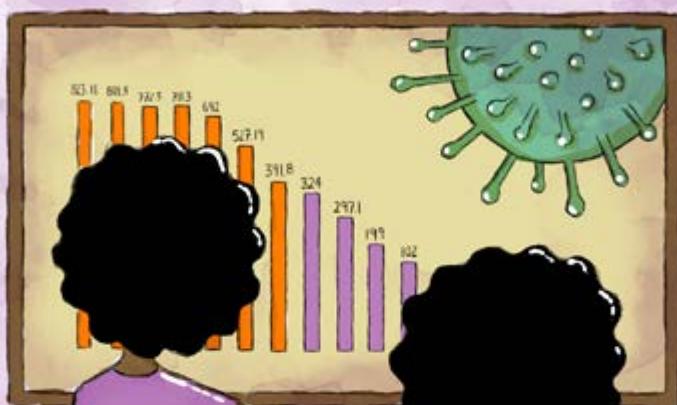


É nessa etapa que o aluno começa a operar com números inteiros (que incluem valores negativos), números racionais (que podem ser expressos em frações) e até irracionais (números com infinitas casas decimais,

como o π ou $\sqrt{2}$); conhece a álgebra e suas equações com uma ou mais incógnitas; além de se aprofundar nas propriedades dos sólidos geométricos.

Questões que podem ser complexas, abstratas, mas não difíceis, garante a professora Juliana Jong, do 8º e 9º anos. “Ainda há o estigma de que Matemática é difícil, principalmente entre aqueles que não conseguem entender o problema. Mas isso depende mais de capacidade de leitura do que de conhecimento matemático”, diz ela. Vanderlei Cardoso concorda com a colega: “Se você tem 4 calças e 3 camisas, quantos conjuntos pode montar? Para esse tipo de problema, você pode até desenhar uma árvore de possibilidades e descobrir sem se lembrar de fórmulas”. O mais importante, diz ele, é não temer o problema e confiar no raciocínio.

É também no Fundamental II que o Vital passa a oferecer oportunidades para quem queira ir além do currículo regular, como módulos preparatórios para olimpíadas acadêmicas. E isso só aumenta no Médio, em que já há alunos estudando problemas de cálculo, conteúdo de nível universitário. Mesmo os demais, porém, chegam ao fim da jornada com uma base sólida que, segundo o coordenador do Ensino Médio, André Rebelo, servirá em qualquer rumo profissional que tomarem: “Para planejar uma carreira, uma família, uma casa nova, uma viagem – tudo se baseia em dados e no que sabemos fazer com eles”, diz André.



Acolher, cuidar e informar

Ex-aluna fala de sua experiência no curso de Enfermagem da Unifesp.

O sonho e a certeza de que queria ser médica pautaram, desde cedo, as escolhas de Mariana Bastian. Aluna do Vital Brazil desde o 8º ano do Fundamental, estava decidida a dedicar os três anos do Ensino Médio a um único objetivo: entrar numa boa faculdade de Medicina. “Meus pais chegavam a me pedir para largar os livros. A verdade é que nunca tive tanto foco na minha vida como naquele período”, recorda. É de se imaginar a surpresa de pais e amigos, portanto, quando Mariana anunciou que havia desistido da Medicina, pouco antes do vestibular. Ela queria continuar vestindo branco e ajudando a curar pessoas – mas como enfermeira.

A mudança começou a tomar corpo no último ano de escola, quando Mariana passou a conhecer novas profissões e sentiu sua antiga convicção perder força. A descoberta da verdadeira vocação, porém, veio acompanhada de uma nota triste. O avô teve um AVC (acidente vascular cerebral) e permaneceu internado no Hospital São Paulo, instituição escola da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Nas visitas ao avô, Mariana percebeu a importância do trabalho dos enfermeiros. “Fui testemunha da dedicação desses profissionais. Eles estão com o paciente o tempo todo. Me dei conta de que era isso que buscava: a empatia, o vínculo forte, o cuidado. Foi quando decidi pela Enfermagem. E não só isso: resolvi que faria o curso da Unifesp”, diz.

No fim de 2017, Mariana prestou vestibular para Enfermagem no Albert Einstein, na Santa Casa, e fez as provas do Enem, cujas notas poderiam garantir o ingresso na Unifesp. Foi apro-



“FUI TESTEMUNHA DA DEDICAÇÃO DESSES PROFISSIONAIS [E] ME DEI CONTA DE QUE ERA ISSO QUE BUSCAVA: A EMPATIA, O VÍNCULO FORTE, O CUIDADO.”

Mariana Bastian,
ex-aluna Vital Brazil

vada nos dois primeiros e ficou na lista de espera da Federal. A agonia demorou cerca de um mês, até sair a vaga desejada. A transição do Vital para a universidade foi suave. “Até imaginei que pudesse ser mais complicado, mas tive uma bagagem muito boa”.

Mariana sentiria diferença maior na atividade prática proporcionada pelos estágios. Logo no primeiro ano, encarou dupla jornada: na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Parque São Lucas, na zona leste de São Paulo, e no Hospital São Paulo. No segundo ano, pôde acompanhar o cotidiano do hospital ligado ao Instituto de Psiquiatria da USP, que tem convênio com a Unifesp. “Foi uma experiência rica. O hospital cuida de casos de ansiedade e de depressão, cujo sucesso do tratamento tem muito a ver com a capacidade de a gente criar uma relação de confiança com o paciente, abrir um canal de comunicação com ele – o que, na minha opinião, é a essência da Enfermagem”.

Neste ano, devido à pandemia, os estágios foram suspensos, em março. Mas, se não pode estar na linha de frente do combate à COVID-19, Mariana não deixa de dar sua contribuição. Participa do Clube do Saber, projeto de extensão da Unifesp que produz e divulga entre a população conteúdo sobre doenças, maneiras de preveni-las e tratá-las. Em julho, ajudou a produzir uma cartilha sobre o novo coronavírus e colaborou na redação de artigo científico sobre o tema. Mais uma demonstração de que, além de acolher e cuidar, Enfermagem também é saber se comunicar com as pessoas.

